

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS POETA TORQUATO NETO
CENTRO DE CIENCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL

REGINALDO GOMES DA ROCHA

(RE)TRATOS DISCURSIVOS DO BRASIL NO DISCURSO POLÍTICO:
Uma análise discursiva do pronunciamento do presidente Lula no evento “O Brasil dando a volta por cima”.

TERESINA
2025

REGINALDO GOMES DA ROCHA

(RE)TRATOS DISCURSIVOS DO BRASIL NO DISCURSO POLÍTICO:

Uma análise discursiva do pronunciamento do presidente Lula no evento “O Brasil dando a volta por cima”.

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito para a obtenção do título de
licenciado em Letras-Português pela
Universidade Estadual do Piauí – UESPI

Orientador: Prof. Dr. Domingos de Sousa
Machado

TERESINA
2025

REGINALDO GOMES DA ROCHA

(RE)TRATOS DISCURSIVOS DO BRASIL NO DISCURSO POLÍTICO:
Uma análise discursiva do pronunciamento do presidente Lula no evento “O Brasil dando a volta por cima”.

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Piauí – Campus Poeta Torquato Neto, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras-Português.

Defendida em: 11/12/2025

Banca Examinadora

Prof. Dr. Domingos de Sousa Machado
Orientador – UESPI

Prof. Dr. Raimundo Isidio de Sousa
1º Examinador

Profa. Dra. Zeneide Resende de Sousa Carvalho
2º Examinador

TERESINA
2025

AGRADECIMENTOS

A Deus.

O sonho de beber do conhecimento de grandes pesquisadores se materializou quando fui contemplado a cursar essa disciplina que tanto me transformou, que tanto apresentou o mundo que estava nas entrelinhas que, embora eu tenha visão, não conseguia decifrar.

Certa vez alguém falou para mim, “esse curso vai te mudar” e eu na minha ânsia de conhecimento abri o peito e disse, agora é minha vez. Desta feita conheci Saussure, Chomsky, Machado de Assis e muitos outros. Foram quatro anos de desafios e distanciamento de tudo.

RESUMO

Esta pesquisa analisa o pronunciamento do presidente Luiz Inácio Lula da Silva no evento “O Brasil dando a volta por cima” (3 de abril de 2025), com o objetivo de compreender como o enunciador constrói discursivamente a imagem (retrato) do Brasil antes e durante sua gestão e quais efeitos de sentido emergem desse processo. O aporte teórico-metodológico utilizado é o da Análise do Discurso de linha francesa (AD), especialmente nas contribuições de Pêcheux (2013), Foucault (2008), Orlandi (2007), Maingueneau (2015), Machado (2014) dentre outros. O *corpus* consiste em recortes do discurso presidencial contextualizados pelo cenário político de desgaste da imagem governamental. As análises demonstram que o enunciador organiza o discurso em torno de duas representações principais: o Brasil “de antes” e o Brasil “de agora”. O “antes” é figurado como “casa em ruínas”, “terra arrasada”, metáforas que produzem efeitos de sentido de destruição e retrocesso atribuídos à gestão anterior. Esse movimento discursivo opera a deslegitimação do governo precedente e constrói um passado negativo que funciona como justificativa para ações atuais. O “durante” é representado como espaço de reconstrução e retomada, marcado por metáforas de trabalho e cultivo — “arar a terra”, “refazer alicerces”, “colher resultados”. Aqui, produz-se um *ethos* de líder restaurador, associado a valores como democracia, soberania, desenvolvimento e inclusão social. O uso de vocativos afetivos (“minhas amigas e meus amigos”) e o contraste “nós” versus “eles” reforçam tanto a proximidade com o povo quanto a intenção de responsabilizar o governo anterior. Como toda verdade discursiva não passa de uma vontade de verdade, uma narrativa que reflete a visão de mundo do sujeito e é criada para convencer e persuadir o enunciatário, conclui-se que o pronunciamento funciona como instrumento de disputa simbólica e persuasão, articulando estratégias de autolegitimação e construção de uma narrativa de reconstrução nacional. O estudo evidencia o potencial da AD para compreender como discursos políticos produzem sentidos, constroem identidades e influenciam percepções sociais.

Palavras-chave: Análise do discurso. Discurso político. Ideologia. Lula.

ABSTRACT

This research analyzes the speech of President Luiz Inácio Lula da Silva at the event "O Brasil dando a volta por cima" (April 3, 2025), with the aim of understanding how the speaker discursively constructs the image of Brazil before and during his administration and what effects of meaning emerge from this process. The theoretical-methodological approach used is French-style Discourse Analysis (DA), especially based on the contributions of Pêcheux (2013), Foucault (2008), Orlandi (2007), Maingueneau (2015), Machado (2014), among others. O corpus consiste em recortes do discurso presidencial contextualizados pelo cenário político de desgaste da imagem governamental. The corpus consists of parts from the presidential speech contextualized by the political scenario of the government's hurt image. The analyzes demonstrate that the speaker organizes the discourse around two main representations: the Brazil "of the past" and the Brazil "of today". The "before" is described as a "house in ruins," a "scorched earth," metaphors that produce effects of destruction and regression attributed to the previous administration. This discursive movement operates to delegitimize the preceding government and constructs a negative past that functions as justification for current actions. The "during" is represented as a space of reconstruction and resumption, marked by metaphors of work and cultivation — "plowing the land," "rebuild foundations," "reap results." Here, an ethos of a restorative leader is produced, associated with values such as democracy, sovereignty, development, and social inclusion. The use of affectionate vocatives ("my friends") and the contrast between "us" and "them" reinforce both the closeness to the people and the intention to hold the previous government accountable. As all discursive truth is nothing more than a will to truth, a narrative that reflects the subject's worldview and is created to convince and persuade the listener, it concludes that the pronouncement functions as an instrument of symbolic dispute and persuasion, articulating strategies of self-legitimization and construction of a narrative of national reconstruction. The study highlights the potential of DA to understand how political discourses produce meaningful, build identities and influence social perceptions.

Keywords: Discourse analysis. Political discourse. Ideology. Lula.

LISTA DE TABELAS E IMAGEM

Tabela 1 – Avaliação do trabalho do presidente Lula por sexo.

Na tabela 2, observa-se que o público que tem a renda acima de 5 salário-mínimo tem maior rejeição na administração do governo.

IMAGEM 1. Etapas de análise de discurso de Orlandi

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AD – Análise do Discurso

FD – Formação Discursiva

FDI – Formação Discursiva Ideológica

ONU – Organização das Nações Unidas

LISTA DE QUANDRO

Quadro 1 – Do Recorte, das Análise Discursiva e do Referencial Teórico

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 INSTRUMENTAL TEÓRICO-METODOLÓGICO DA ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA.....	10
2.1 Análise do discurso de origem francesa	10
2.1.1 As três épocas da AD.....	11
2.2 O discurso como objeto da AD.....	14
2.3 Formação discursiva e ideológica	16
2.4 Sentido e efeitos de sentido.....	20
2.5 O discurso político, sua natureza e especificidade.....	22
3 (RE)TRATOS DISCURSIVOS DO BRASIL NO DISCURSO DE LULA.....	23
3.1 Aspectos metodológicos.....	23
3.1.1 Tipo de pesquisa.....	23
3.1.2 Corpus e sua contextualização	23
3.2 Análise do corpus.....	24
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37
ANEXOS.....	39

1 INTRODUÇÃO

A linguagem exerce grande importância como instrumento de poder e persuasão no campo político, conforme apontam os pressupostos da Análise do Discurso de origem francesa que tem o discurso como espaço de disputa e produção de sentido e instrumento de poder.

Tentar analisar o discurso em seu pleno uso, com sujeitos reais e situação real e pela relevância no sentido de compreender como o discurso político é construído para legitimar ações de governo e influenciar a opinião pública, torna-se uma tarefa importante pelo fato de que no final da análise, compreende-se a profundidade em que a ideologia se inscreve na linguagem e como os sentidos são construídos a partir de formações discursivas determinadas historicamente. É importante também entender como um líder político constrói estratégias discursiva para legitimar uma imagem.

Esse trabalho tem como proposta analisar o pronunciamento do presidente Luíz Inácio Lula da Silva proferido no evento “O Brasil dando a volta por cima” em 3 de abril de 2025, buscando compreender como sujeito político constrói a imagem do Brasil de antes e durante sua gestão, e quais efeitos de sentido são produzidos nesse discurso.

Para isso, são utilizadas as ferramentas da análise do discurso de origem francesa considerando as três épocas da AD, o discurso como objeto da AD, formações discursivas e ideológicas, sentido e efeito de sentido, e o discurso político, sua natureza e especificidade.

A análise do discurso de Lula é relevante no sentido de que ele ocupa o maior cargo do país e por ser um líder histórico e oriundo do movimento sindical, e representante central da esquerda política do Brasil. Seu discurso torna-se exemplo de como construir significados e influenciar opiniões com o uso da linguagem.

Este trabalho está estruturado em 4 seções: na primeira está a “Introdução”; na segunda o “Instrumental teórico-metodológico da Análise do Discurso Francesa”, na terceira, o capítulo de análise, “(Re)Tratos Discursivos do Brasil no Discurso de Lula” e, por fim, as “Considerações Finais”.

2 INSTRUMENTAL TEÓRICO-METODOLÓGICO DA ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA

O discurso político é o espaço de disputa simbólica e construção de sentidos, onde o sujeito político se encontra em confronto com discursos anteriores e concorrentes. Portanto, faz-se necessário entender as estratégias discursivas usada pelos líderes políticos para persuadir a opinião pública.

Neste sentido, esse trabalho se propõe buscar entender como o discurso do presidente Lula, pronunciado no dia 3 de abril 2025, no evento “O Brasil dando a volta por cima” em Brasília-DF, constrói a imagem do Brasil de antes e durante sua gestão? Que efeitos de sentido são construídos nesse discurso? Para isso, nesta secção abordaremos o instrumental teórico-metodológico sob o qual esse discurso será analisado.

2.1 Análise do discurso de origem francesa

No final dos anos 60, surge a análise do discurso de origem francesa na efervescência da luta de classe com personalidades como Jean Dubois e Michel Pêcheux. Dubois era um lexicólogo; Pêcheux, um filósofo que estava envolvido com questões da linguagem e da luta de classe. Em sua visão, divergindo do estruturalismo vigente na época, o fenômeno da linguagem não deve ser centrado apenas na língua, sistema abstrato de signos ideologicamente neutro, mas numa instância da linguagem chamada de discurso.

Entre esses pesquisadores, embora com interesses distintos, era compartilhado a mesma opinião quando o assunto era luta de classes, havia uma preocupação em não confundir Análise do Discurso com a Análise de Conteúdo.

A análise de conteúdo trabalha observando a frequência de em que determinados termos aparecem em textos ou notícias com a mesma temática e depois o analista faz a sua conclusão sobre os conhecimentos relacionados. Diferentemente, a Análise do discurso

[...] trabalha com formas materiais, que reúnem forma-e-conteúdo. As marcas formais, em si, não interessam ao analista. O que lhe interessa é o modo como elas estão no texto, como elas se “encarnam” no discurso. Orlandi (2007, p. 90)

Deduz-se que para a análise do discurso não se deve separar a forma do conteúdo, o modo como algo é dito do que é dito, porque para o analista do discurso o que importa é o modo como essas formas produzem sentido dentro do discurso, isto é, como elas se “encarnam” em um contexto histórico, ideológico e político específico.

Essa vertente Pêcheutiana, que é a AD, busca dar ao discurso função de prática social que constrói significados e sentidos sem tê-la como uma reflexão da realidade. O que isso quer dizer é que o discurso é visto como uma construção social que impacta na nossa interpretação do mundo e na forma de como as pessoas pensam e sentem e agem. Além disso, devemos considerar outras funções que estão embutidas em sua concepção, como: relação de linguagem e poder, o que é fundamental nessa linha francesa.

Dessa forma, as relações de poder servem para manipular a opinião pública e criar concordância em torno de certas questões, construir identidade e subjetividade para definir quem somos e como nos relacionamos com os outros.

O corpo teórico da AD, em sua origem, passou por períodos de formulações e reformulações. Doravante abordaremos as três épocas que foram fundamentais na constituição dessa disciplina.

2.1.1 As três épocas da AD

Sobre as três épocas da análise do discurso de origem francesa, Oliveira (2013) afirma que a primeira fase da AD é caracterizada por influência de Althusser e Lacan sobre Pêcheux.

O contato de Pêcheux com as teorias marxistas foi em um seminário na década de 1960 organizado por Althusser, momento que o fez ver a possibilidade de criar um dispositivo capaz de fazer uma “análise automática do discurso”, tomando como base primeiramente a palavra, posteriormente, a sintaxe da língua.

De acordo com Oliveira (2013), foi dessa aproximação com esse pesquisador que Pêcheux defendeu a tese “L'analyse automatique du discours” que foi publicada pela Dunod. No final da década de 60, surgiu a primeira fase da análise Discurso (AD1), sob forte influência do estruturalismo saussuriano, especialmente na concepção da linguagem como um sistema fechado e homogêneo:

A primeira época da Análise do Discurso vai de 1969 a 1975, iniciada com a publicação de *Analyse automatique du discours* (1997a), de Pêcheux. Esse primeiro momento é marcadamente centrado na relação que Pêcheux estabelece com Louis Althusser, acerca do conceito de ideologia. O objeto de análise constituía-se de grandes textos políticos escritos e os dispositivos de análise se voltavam unicamente para eles (Santos, 2009, p. 6):

Nessa perspectiva da AD1, os discursos eram considerados unidades estáveis e autodeterminadas e o sujeito, por sua vez, era concebido como assujeitado, isto é, inteiramente determinado pelas formações discursivas às quais pertencia.

Nessa fase, conforme Gadett (1997), também se tinha a proposta de criação de um sistema formal (como uma álgebra) que representasse logicamente a estrutura do discurso em um determinado *corpus*. Porém, isso era somente uma ideia em desenvolvimento, que idealizou uma ferramenta poderosa para a análise profunda e sistematizada do discurso, a criação de uma máquina de análise-lógico semântica. De acordo com Machado (2014), essa fase é caracterizada pela análise automática do discurso, isto é, pela “noção de maquinaria discursiva” fechada em si mesma. E sobre a afirmação de “máquina discursiva” e “estruturalismo” de Saussure, Machado esclarece:

Como podemos ver, embora Pêcheux tenha proposto um modo de abordar a relação entre língua e história, ou melhor, de pensar a exterioridade no interior do objeto língua, a AD desta fase ainda está bastante enraizada em pressupostos estruturalistas porque está restrita a um conjunto de enunciados fechados, que se relacionam entre si pela justaposição, sendo passíveis de ser analisados por uma máquina lógico-semântica (MACHADO, 2014, p.19).

A Análise do Discurso de linha francesa, sobretudo em sua primeira formulação (AD1), desenvolvida por Michel Pêcheux na década de 1960, buscou romper com os limites da linguística estrutural ao propor uma articulação entre linguagem, ideologia e história. Apesar dessa tentativa de superação, a AD1 ainda carrega fortes marcas do estruturalismo, principalmente no modo como concebe os discursos como conjuntos de enunciados relativamente fechados em si mesmo e passíveis de serem analisados por uma espécie de “máquina lógico-semântica”.

Além disso, como já dito, o sujeito era tido como assujeitado, que “pensa que é a origem de seu dizer quando na verdade é apenas simples reprodutor do discurso da instituição em nome de que fala; e essa fala, portanto, é determinada pelo lugar social que ocupa.”

Segundo essa visão sobre o sujeito, é possível inferir que ele, o sujeito, não é autônomo nem consciente da origem do que diz. Ele acredita que está falando por si mesmo, como se suas palavras fossem fruto de sua vontade individual e de sua consciência. No entanto, essa crença é ilusória. Portanto, o que fica claro é que o sujeito para AD1, não é livre para produzir qualquer discurso; ele está condicionado por estruturas ideológicas e sociais; o discurso que ele enuncia é uma reprodução de discursos institucionais já existentes; ele é um sujeito assujeitado, e não o criador autêntico de seu próprio dizer.

Portanto, o que aconteceu nessa primeira fase da análise do discurso, embora tenha recebido críticas de pesquisadores de outras áreas e da linguística, serviu como um laboratório para que Pêcheux pudesse amadurecer seu trabalho teórico de uma disciplina que concebe a linguagem como discurso.

Na segunda época da AD, a AD2, de acordo como Milanez e Santos (2009) teve início com a publicação do artigo de Pêcheux intitulado “A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas”, momento em que é dada à importância para formação discursiva. Pêcheux apoia em Michel Foucault, especialmente da obra “Arqueologia do Saber”, para fazer uma abordagem mais profunda do seu trabalho.

Segundo Machado, a concepção de Michel Foucault de formação discursiva pode ser entendida como

Um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social, geográfica ou linguística determinada, as condições de exercício da enunciação (MACHADO, 2014, p. 20).

O enunciado deixa claro que existem regras históricas e sociais que devem ser seguidas que organizam e delimitam aquilo que pode ser dito, por quem e como. Essas regras não estão aparentes, ou seja, não são escritas na formalidade, porém, são reais, e moldam os discursos. Elas são capazes de mudar com o tempo, espaço, cultura e estrutura social.

Foi na AD2, que a ideia de homogeneidade da formação discursiva fechada em si mesmo não podia mais ser sustentada, e devia ser vista como atravessada por outras formações discursivas. Então é nesse momento que se fala no deslocamento teórico que se refere a mudança de enfoque na Análise do Discurso,

que antes na AD1, a AD era mais estruturalista, focada nas maquinarias discursivas, nos mecanismos internos e formais do discurso (Regras da língua sintaxe, morfologia, coesão) como se fosse um sistema quase fechado, estático.

Porém, foi na AD2 como apresenta Fernandes (2005), que a noção de maquinaria estrutural discursiva começa ser implodida e a noção de interdiscurso vem à tona, dando a entender que uma formação discursiva está em constante diálogo com outras formações discursivas. Apesar dessa formulação, na segunda fase, a noção de sujeito assujeitado ainda permanece.

Enfim, é na terceira fase da AD (AD3), que o projeto de Pêcheux deixa totalmente a ideia de que é possível modelar o discurso como uma maquinaria fechada, e passa a ser pensado por um viés mais complexo e dinâmico, centrado no conceito de interdiscursividade.

A terceira época da AD possibilitou ver o que ocorre entre as frases e entre os enunciados do mesmo discurso e, possibilitou também observar como se constrói o sentido. Também possibilitou, de acordo com Gadet (1997), “estudar como o discurso se conecta internamente, como as ideias vão se desenvolvendo dentro do próprio discurso e sua linearidade textual”.

Segunda essa autora,

O desenvolvimento atual de numerosas pesquisas sobre os encadeamentos intradiscursivos — “interfrásticos” — permite & AD-3 abordar o estudo da construção dos objetos discursivos e dos acontecimentos, e também dos “pontos de vista” e “lugares enunciativos no fio intradiscursivo. (GADET, 1997, p 316).

Em suma, as três fases da Análise do Discurso não apenas refletem diferentes influências teóricas, mas também demonstram uma transformação no modo de conceber o discurso e o sujeito. Assim a AD passou de um modelo mais determinista e formalista, para uma concepção em que o discurso é espaço de disputa, de múltiplas vozes e de constante produção de sentidos. Portanto, esse percurso não é linear nem excludente, mas acumulativo e reflexivo, permitindo à AD se firmar como um campo teórico-metodológico potente para compreender as práticas discursivas em sua complexidade.

2.2. O discurso como objeto da AD

A Análise do Discurso é uma disciplina associada ao campo da Linguística e da comunicação especializada em analisar o discurso. Seu objeto, como aborda Fernandes (2005), é o discurso entendido como produto histórico das enunciações humanas. Desse modo, o discurso

[...] não é a língua, nem o texto, nem a fala, mas necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material. Com isso, dizemos que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas” (FERNANDES, 2005, p.12)

Para esse autor, o discurso não fica limitado a uma estrutura linguística ou ao texto, mas a uma dimensão mais ampla que são os aspectos sociais e os ideológicos. Quando ele fala que o discurso é uma exterioridade da língua, significa que ele não está restringido somente às regras e estruturas linguísticas, também está influenciado por fatores externos, como contexto social e histórico. É evidente que o discurso precisa ter elementos linguísticos para ter uma existência material, isso propõe que o discurso se manifesta através da linguagem, mas não se reduz somente nela.

Orlandi, em suas considerações sobre o discurso, afirma que:

A análise dos discursos ..., não trata da língua, não trata da gramática, embora todas as coisas lhe interessem. Ela trata do discurso e a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso de correr por, de movimento. Discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2007 p.15).

Baseando-se nesses pressupostos, o discurso não é somente transmissão de informação, trata-se de construção de sentidos, como defende Orlandi (2007). Maingueneau (2014) considera que o discurso para linguística é comumente definido como “o uso da língua”. Sendo assim, muitas vezes entendido como o uso da língua em contexto, não sendo somente usada em forma de regra, mas por sujeito em situações reais.

O discurso não se limita às regras e estruturas linguísticas, pois é influenciado por fatores externo, contexto social e histórico. Aliás, o discurso é o efeito de sentido produzido por sujeitos em suas enunciações. O discurso é sempre histórico e contextualizado, assumido por eu, um aqui e um agora. Embora, esse “eu”, na

perspectiva da AD, mesmo que dito por um locutor, é a voz de um enunciador mais amplo, um sujeito social.

2.3. Formação discursiva e ideológica

Na AD existem dois conceitos fundamentais, de acordo com Brandão (2004), são os conceitos de formação discursiva e formação ideológica. A formação ideológica (FI) se refere a forma como as ideologias estão estruturadas, e se manifestam em diferentes contextos. Já a formação discursiva, refere-se como os discursos estão estruturados e se manifestam também em contextos diferentes.

Essa relação da FD com FI tem caráter complexo. Conforme Brandão (2004) propõe, dando entender que a formação ideológica influencia na formação discursiva levando em consideração que a ideologia molda a forma como a formação discursiva se estrutura. Por outro lado, a formação discursiva também pode influenciar a formação ideológica. De certo que o discurso pode desafiar ou reforçar a ideologia existente, repetindo e legitimando as narrativas e os valores dominantes, usando a linguagem e símbolos (bandeiras nacionais, imagens de líderes políticos, slogans, cores específicas (por exemplo, o verde e o amarelo no Brasil), gestos e expressões faciais e lemas que causam emoções e sentimentos positivos associados a ideologia. O discurso também pode desfiar a ideologia quando usa a linguagem e símbolos que subvertem e a desafia.

Tendo em vista essa relação, o que se pode ter em mente, de acordo com Machado (2014, p. 54), é que “A formação discursiva se define por sua relação com formação ideológica, isto é, os textos que fazem parte de uma formação discursiva e remetem a mesma formação ideológica”. “[...] é a formação discursiva que determina o que deve ser dito a partir de um lugar social historicamente determinado. [...]”. Nesse contexto, pode-se exemplificar para que se tenha uma ideia de como uma formação discursiva determina o que pode ser dito a partir de um lugar social. Imagine um político discursando em uma zona rural do Brasil, ele pode dizer algo como: “Meus amigos, eu sei que a agricultura é a alma desta região. Eu prometo trabalhar para garantir que os agricultores tenham acesso a crédito e tecnologia para melhorar a produção e aumentar a renda.”

Para que se possa falar de formação discursiva neste momento, cabe ter como apoio as ideias de Foucault (2008), em sua obra “Arqueologia do saber”, onde ele aponta como devemos compreender e organizar os discursos. Na obra, ele propõe quatro hipótese de como se forma uma unidade discursiva tendo como objeto a “loucura”. Porém, nesse estudo vamos trazer três hipótese por questões de se mostrarem mais relevantes. Diante disso é importante salientar que na obra “Arqueologia do saber” não é tratado diretamente da “loucura”, esse tema é tratado em outra obra, “História da loucura” (1961). A obra “Arqueologia do saber” é sobre a origem e o funcionamento do saber. A loucura aparece para que se possa romper com certas formas tradicionais de se pensar a história e a produção de conhecimento.

Na primeira hipótese, Foucault diz que é possível reunir enunciados dispersos (falas, textos, teorias e descrição) com base no mesmo objeto. Para ele, tudo que foi dito ao longo do tempo desse objeto, formaria um “discurso sobre o objeto (loucura)”, já que todos enunciados falam do mesmo objeto. O que Foucault propõe em seu livro é que tudo o que foi dito sobre objeto de seu tudo, a loucura, não é fixo. Então o que se chama de transtorno mental não é o mesmo que melancolia e possessão demoníaca dito no século passado. Foucault apresenta sua argumentação dessa forma:

Ora, logo percebi que a unidade do objeto "loucura" não nos permite individualizar um conjunto de enunciados e estabelecer entre eles uma relação ao mesmo tempo descritível e constante. E isso ocorre por duas razões. Cometeríamos um erro, seguramente, se perguntássemos ao próprio ser da loucura, ao seu conteúdo secreto, à sua verdade muda e fechada em si mesma, o que se pôde dizer a seu respeito e em um momento dado; a doença mental foi constituída pelo conjunto do que foi dito no grupo de todos os enunciados que a nomeavam, recortavam, descreviam, explicavam, contavam seus desenvolvimentos, indicavam suas diversas correlações, julgavam-na e, eventualmente, emprestavam-lhe a palavra, articulando, em seu nome, discursos que deviam passar por seus. (FOUCAULT, 2008, p.41).

Foucault afirma que o objeto “loucura” muda com o tempo, ou seja, o que se entende sobre ela muda conforme o tipo de discurso (discurso médico, político e religioso). Para Foucault os discursos não compartilham o mesmo objeto, eles produzem o seu próprio com suas regras e sentidos:

O objeto que é colocado como seu correlato pelos enunciados médicos dos séculos XVII ou XVIII não é idêntico ao objeto que se delineia através das sentenças jurídicas ou das medidas policiais; da mesma forma, todos os objetos do discurso psicopatológico foram modificados desde Pinel ou

Esquirol até Bleuler: não se trata das mesmas doenças, não se trata dos mesmos loucos. (FOUCAULT, 2008, p.36)

Na segunda hipótese, traz a ideia de que a unidade de um discurso pode ser compreendida pelo seu estilo na forma como os enunciados são encadeados, ou seja, o modo de descrever, organizar os saberes:

Segunda hipótese para definir um grupo de relações entre enunciados: sua forma e seu tipo de encadeamento. Parecera-me, por exemplo, que a ciência médica, a partir do século XIX, se caracterizava menos por seus objetos ou conceitos do que por um certo estilo, um certo caráter constante da enunciação. (FOUCAULT, 2008, p.37).

Foucault pensava que poderia identificar uma unidade de discurso do médico do século XIX, através do modo de descrever as coisas. Para ele a medicina tinha uma linguagem própria, uma maneira comum de observar o corpo, descrever doenças, usar instrumentos e interpretar sintomas. Logo descobriu que o discurso médico não se resume a estilo de descrição e sim há escolhas éticas, políticas, práticas institucionais e transformações históricas.

Então ele viu que não dava para explicar uma formação discursiva apenas por uma forma de dizer. Ele percebeu que o discurso médico envolve teorias, escolhas morais etc., a forma de descrição muda com o tempo. Dessa forma, não há uma forma de enunciar. Então o que foi concluído na segunda hipótese é que a unidade de um discurso está no sistema de regras que permite e organiza emergência de diferentes enunciados em determinadas condições históricas. A emergência aqui citada não é um aparecimento espontâneo, refere-se a momentos e às condições em que certos enunciados se tornam possíveis, dizíveis, aceitáveis ou reconhecíveis como discurso legítimo dentro de um determinado contexto histórico.

Na terceira hipótese Foucault afirma que os discursos formam um conjunto porque tratam do mesmo tema ou conjunto de temas. Ele faz uma crítica a respeito da reunião de diversos discursos como se eles fossem variações de um mesmo tema persistente ao longo da história. O pesquisador traz o exemplo da evolução da biologia (evolução das espécies de Darwin) proposto na obra que ele critica dessa forma, “Tema de início mais filosófico que científico, mais próximo da cosmologia que da biologia ...” Esse tema de acordo com Foucault não descreve fatos, porém, sustenta pesquisas, orienta hipóteses, ideias que ainda não foram comprovadas e influencia a

produção do discurso científico. O que ele critica é que o tema da evolução não é estável, ganha significados diferentes conforme o tempo e os contextos.

O que podemos definir como foco é que a formação discursiva, fundamentalmente constituída em Foucault em sua obra, “Arqueologia do saber” aponta que ela é que faz o elo do que pode ser dito e o lugar social historicamente determinado:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva [...] (FOUCAULT, 2008, p. 43).

O que é observado é que a formação discursiva organiza temas que podem ser abordados dentro de seu limite e a forma de dizer e os sentidos possíveis. A formação discursiva é determinada pela formação ideológica, ou seja, a ideologia age sobre o discurso por meio da formação discursiva.

Então o que é dito, quando é dito funciona como um processo de linguagem em constante transformação interferindo diretamente no que o discurso produz de sentido. Assim, entende-se sobre formação discursiva, como um campo de relação histórica, onde os ditos reaparecem reconfigurados pelas condições do presente.

A partir dessa perspectiva, pode-se entender que as formações discursivas não são neutras, mas reflexo das ideologias que as constituem.

Em síntese, a formação discursiva trata da estruturação e manifestação do discurso em diferentes contextos, e a formação ideológica, refere-se a estruturação e a manifestação das ideologias em diferentes contextos, influenciando o discurso e vice-versa. A formação ideológica é determinada pela formação discursiva, ambos materializando a ideologia nas práticas discursivas.

2.4 Sentido e efeitos de sentido

Fernandes (2005), afirma que “os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução”, e que, dessa forma, o sentido é construído quando o sujeito se apossa do ato de dizer, mas isso depende de vários fatores, contexto social, político e ideológico. Assim o que é levado em consideração, é o lugar,

ou seja, a posição social ideológica e discursiva que o sujeito ocupa ao enunciar. Com isso sujeito se apossa do que pode ser dito e das palavras, que de acordo com Fernandes, podem adquirir diferentes sentidos.

De acordo com Orlandi (2012), a linguagem é atravessada pela ideologia e o sentido não é algo estático, mas a relação do texto com a memória discursiva – aquilo que já foi dito, o interdiscurso. Ainda segundo essa autora, os sentidos de um discurso não estão nas palavras, no texto, mas na relação com a exterioridade, com as condições de produção desse discurso. Desse modo, podemos entender que o sentido para a AD é de fato, efeito de sentido.

2.5 O discurso político e sua natureza e especificidade

Definir o discurso político não é muito evidente, afirma Charaudeau (2024). Para esse autor, a resposta à pergunta o que é o discurso político não pode ser dissociada de um ponto de vista particular, porque muitas outras disciplinas se interessam em ter o discurso político como objeto de estudo, entre elas estão: a Filosofia, a Psicologia, a Antropologia Social, as Ciências Políticas, as Ciências de Linguagem, essas constroem seu próprio objeto, ou seja, seu objeto absoluto.

Segundo Charaudeau (2024), a AD, ao estudar o discurso político, não se interessa em questionar a legitimidade da racionalidade política e nem investigar os mecanismos que produzem comportamentos políticos, tampouco, busca entender as causas profundas dos fenômenos políticos. Ela não avalia se as decisões políticas são justas de explicações causais e não procura as causas de um acontecido.

Na verdade, a AD concentra-se em analisar os discursos que tornam possível a “emergência de uma racionalidade política” (ou seja, como os discursos políticos constroem e legitimam certas ideias e valores). Ela também se concentra em estudar como os discursos regulam os fatos políticos e influenciam a percepção e a interação dos eventos políticos.

Em seu livro “O discurso Político”, Charaudeau (2024), ao analisar os discursos políticos a AD faz uso de vários métodos ou estratégias. Por exemplo, a análise lexicométrica, que consiste em um estudo estatístico do texto, em que se busca compreender como as palavras são usadas e, quantas vezes elas aparecem para depois fazer uma avaliação das relações ideológico-semânticas do texto.

Outro método é a análise enunciativa, que para Charaudeau (2024, p.38), evidencia o comportamento do sujeito durante sua locução, para além de sua posição ideológica. Diante disso, compreende-se a complexidade, natureza e o quanto são multifacetadas as características do discurso político em sua função de influenciar as opiniões a fim de obter adesões, rejeições ou consenso.

Segundo Charaudeau (2004), linguagem e ação andam juntas quando se referem ao discurso político, e essa ação busca o exercício de um poder. Dessa forma, o sujeito político se insere no discurso por meio da linguagem e da ação, mas visando um jogo de poder ao qual o outro é colocado em uma situação de dominado, submisso à posição do sujeito que fala. E, nessa relação, destaca-se o princípio da alteridade, isto é, em que as identidades são definidas na relação com o outro.

De acordo com o autor supracitado, no discurso político, a força da verdade pode ser de ordem transcendental ou pessoal, a qual a ordem transcendental está ligada ao direito divino, como exemplo, dos reis e chefes de igreja, ou resultante da vontade dos homens, como exemplo, o Povo e o Estado, enquanto a ordem pessoal está relacionada a autoridade pessoal, intrínseca ao sujeito, um carisma. Portanto, é através dessas relações de força que a linguagem se relaciona com a ação, e assim cria um laço social.

No discurso político verdade e mentira são colocadas em jogo como relativas. Ou seja, a verdade é situacional, isto é, é um querer ser verdadeiro. E a mentira é uma tentativa de parecer e querer ser verdadeira, embora não o seja. Dessa forma, uma estratégia recorrente nesse tipo de discurso é a dissimulação, pois, conforme assinala Charaudeau (2005, p. 261), “instala-se então um jogo de máscaras entre palavra, pensamento e ação que nos conduz à questão da mentira na política”, (Charaudeau, 2005, p.261)

O sujeito enunciator político, por sua vez, “se encontra em uma dupla posição que, por um lado, deve convencer todos da pertinência de seu projeto político e, por outro, deve fazer o maior número de cidadãos aderirem a esses valores”. Segundo Charaudeau,

O político deve, portanto, construir para si uma dupla identidade discursiva; uma que corresponda ao conceito político, enquanto lugar de constituição de um pensamento sobre a vida dos homens em sociedade; outra que corresponda à prática política, lugar das estratégias da gestão do poder (CHARAUDEAU, 2024, p.79)

Portanto, de acordo com esse autor, o político, quando se dirige a todos, torna-se um terceiro, esse enunciador que representa o "ideal social". Esse sujeito se posiciona como um terceiro, o qual faz a mediação de diversas vozes sociais, funcionando como um mediador de um ideal. A função discursiva vai além da simples representação, deve-se ser construído num imaginário de coesão e consenso para que o público seja persuadido que suas propostas correspondem ao interesse comum.

O discurso político possui uma função de persuasão voltada à construção do consenso, seja adesão ou rejeição em torno das ideias ou projetos. O político como sujeito da enunciação, por sua vez, tem dupla posição discursiva: como porta voz discursivo enunciando um ideal social; e o de gestor do poder, onde ele recorre as estratégias retórica de convencimento e sedução.

Depois dessas considerações teóricas, precisamos então colocar em prática a teoria na análise do discurso político. É o que faremos na próxima secção.

3. RETRATOS DISCURSIVOS DO BRASIL NO DISCURSO DE LULA

Neste capítulo, depois de uma breve consideração sobre os aspectos metodológicos de nossa pesquisa, procederemos às análises do corpus, isto é, os recortes do discurso do presidente Lula no evento “O Brasil dando a volta por cima”.

3.1 Aspectos metodológicos

3.1.1 Tipo de pesquisa

Esta pesquisa é do tipo bibliográfica e qualitativa. De acordo com Guerra (2023), a pesquisa bibliográfica consiste no levantamento e na revisão minuciosa de obras publicadas sobre a teoria que guiará o trabalho científico, já a pesquisa qualitativa se destaca por sua abordagem mais reflexiva e interpretativa.

3.1.2 Corpus e sua contextualização

O *corpus* dessa pesquisa é composto por excertos do pronunciamento de um líder histórico de movimentos sindical, uma referência da esquerda política do Brasil que, na posição de presidente do país, organiza um evento chamado “O Brasil dando a volta por cima” em 3 de abril 2025, em Brasília-DF, em que faz um balanço das realizações de seu governo nos dois primeiros anos de mandato do chamado Lula III.

O evento acontece em um momento em que o nível de satisfação da população brasileira em relação à gestão do governo Lula está em baixa, como mostra uma pesquisa da “PODER DATA”, um projeto do consórcio internacional de jornalistas investigativos.

Tabela 1 – Avaliação do trabalho do presidente Lula por sexo.

		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
Avaliação do trabalho do governo Lula	Ótimo/Bom	22%	21%	22%
	Regular	30%	37%	34%
	Ruim/Péssimo	45%	37%	41%
	Não sabe	2%	4%	3%
Total		100%	100%	100%

Fonte: PODERDATA (2025, p. 10).

A pesquisa traz amostras do grau de insatisfação da gestão do petista entre o dia 15 a 17 de março de 2025, próximo à realização do evento e do então pronunciamento¹. Vendo sua desaprovação crescer, o governo prepara um evento onde tenta fazer um balanço de suas conquistas e feitos nos dois primeiros anos de governo. Claramente, a intenção é tentar recuperar a credibilidade do governo por meio de um recurso midiático.

Diante de um cenário de crise econômica, com a alta da cesta básica e dos combustíveis, da falta de recursos financeiros para investimentos sociais, do crescente endividamento das contas públicas, do aumento da taxaço de produtos e serviços por meio da criação de novos impostos, além da crise política provocada pela persistente polarização que ainda permeia o país, Lula procura em seu discurso de abertura desse evento construir uma imagem positiva do Brasil em sua gestão e deslegitimar a gestão anterior. É o que procuraremos mostrar nas análises que se segue.

3.2 Análise do corpus

Diante da impopularidade que o governo petista vinha atravessando durante dois primeiros anos de sua gestão (2023-2025), e com a aproximação do período eleitoral municipal, nesse evento do dia 3 de abril de 2025, em seu discurso, o presidente Lula procura construir uma imagem positiva do Brasil e do seu governo nos primeiros anos de seu mandato.

Embora a Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (SECOM) negue que o intuito não foi melhorar a imagem do governo e sim uma prestação de contas com a população brasileira, os dados desta pesquisa mostram, a partir da análise do discurso do presidente, a evidente intenção de tentar melhorar a imagem do governo perante a opinião pública.

Porém, é importante ressaltar que o objetivo deste trabalho não é fazer juízo de valor sobre o governo ou a atuação de Lula como presidente, mas investigar como

¹ As informações coletadas nessa pesquisa foram opiniões de entrevistados levando em consideração a faixa etária, sexo, grau de escolaridade e religião e outros. O grupo de pessoas entrevistadas foi de eleitores e eleitoras com 16 anos de idade ou mais. Foram entrevistadas 2.500 pessoas em 198 municípios nas 27 unidades da Federação

o discurso do presidente constrói a imagem do Brasil de antes e durante sua gestão, e explicitar que efeitos de sentido são construídos nesse discurso.

Como o *corpus* e os objetivos definidos, os procedimentos de análise, de acordo com Orlandi (2012), deve seguir na seguinte direção: da superfície linguística para o objeto discursivo e deste para o processo discursivo, conforme a figura abaixo:

IMAGEM 1. Etapas de análise de Orlandi

1ª Etapa: Passagem da	Superfície Linguística	Texto
	para o	(Discurso)
2ª Etapa: Passagem do	Objeto Discursivo	Formação Discursiva
	para o	
3ª Etapa:	Processo Discursivo	Formação Ideológica

Fonte: Orlandi (2012, p 77)

A primeira etapa consiste em tratar da superficialização do corpus, momento em que o achado mais importante é a discursividade e esse ato deve ser de natureza linguística. O analista aqui constrói seu objeto discursivo, trabalhando com “palavras e sinonímia e relação do dizer e do não dizer” (Orlandi, 2012, p 78). É nessa etapa que o analista desfaz a relação das coisas com as palavras desmitificando aquilo que foi dito só foi possível se dito daquela maneira.

Na segunda etapa, já com o corpus descrito e definido, o analista confronta, indaga sobre as formações discursivas contidas no *corpus*. É nesse momento que se relaciona as formações discursivas presentes nesses discursos (FDs) com as formações ideológicas (FIs). Assim, ele descortina o processo discursivo responsável pelo efeito de sentido que se encontra na descrição. Depois dessa etapa com o material preparado para interpretação, faz-se a relação da língua com a história para que possa dar significado.

Agora, na terceira etapa, o analista responde às questões (Quem diz? Como diz? Em que circunstância diz?) com base no que foi encontrado na relação do discurso com a formação ideológica. Nessa altura ele será capaz de explicar o que foi dito, como foi dito e o que não foi dito.

O que se deve levar em consideração no discurso enunciado são as condições de produção: Quem diz? Um representante legal do povo, o presidente do Brasil; como diz? Ele fala para legitimar as ações de seu governo e desqualificar seu antecessor;

em que circunstâncias diz? Em um evento público, quando procura fazer a prestação de contas, isto é, um balanço de seus primeiros dois anos de mandato.

Passemos agora às análises propriamente ditas.

RECORTE 1

Depois de uma breve saudação inicial e protocolar a familiares e autoridades presentes no evento, o sujeito enuncia: “Minhas amigas e meus amigos”. Com esse enunciado o sujeito discursivo na qualidade de líder político do Brasil, inaugura seu discurso utilizando-o como uma estratégia de aproximação e afetividade, comum para formação discursiva política a qual está inserido. Ele busca desvencilhar de seu discurso nos anos 90/80, quando usava exclusivamente os termo “companheiras e companheiros”; que em outrora esse enunciado evidenciava a ideologia do trabalho dos metalúrgicos. Agora ele faz parte de outra classe de trabalhadores, a de um presidente da república, nesse momento, os enunciatários são amigos e não companheiros. Portanto, ao se apossar dessa estratégia mais contemporânea de “minhas amigas e meus amigos” ele tenta suavizar o viés ideológico já marcado em seu discurso, dessa forma ele amplia sua audiência. O uso desses pronomes “Minhas/Meus” reduz a distância com o enunciatário, tornando-o parte do discurso.

RECORTE 2

“Ao longo deste evento, apresentamos um breve balanço daquilo que fomos capazes de realizar em apenas dois anos. A começar pela reconstrução de um país deixado em ruínas pelo governo anterior.” A temporalidade no recorte 2, marca o local da construção dos enunciados, a situação das enunciações, que serão proferidas. O enunciado, “reconstrução de um país deixado em ruínas”, traz uma ideia de otimismo, o que insere o enunciador numa formação discursiva do desenvolvimento, porém o sujeito não diz como o país foi deixado em ruínas.

O enunciador coloca em disputa simbólica os dois anos do governo atual versos o anterior, “Nós” vs “Eles”. O termo “reconstrução” remete à memória discursiva do estado de um país e um pós-guerra, arrasado pelas tragédias dos conflitos. A estratégia enunciativa é amplificar a ideia de que o país antes dele se encontrava arrasado e que ele seria o agente de reconstrução. No excerto, “Deixada pelo governo anterior”, o enunciador ideologicamente atribui tão estado de destruição do país à gestão anterior, isto é, ao presidente que o precedeu. A estratégia aqui é desqualificar a gestão anterior para, evidentemente, exaltar a sua. É o que tenta fazer no excerto a seguir:

RECORTE 3

“O Brasil é um país que volta a sonhar e ter esperança.”

Nesse enunciado, o enunciador deixa transparecer no não dito que o Brasil vem passando por dificuldade estrutural e se coloca como o salvador, o único que pode trazer solução para o país com ideia de recomeço, incutindo assim no enunciatário que o país antes não sonhava.

Ao projetar esperança e progresso, o discurso cria um efeito de sentido de renovação, esperança e competência administrativa, apresentando o governo como responsável por restabelecer as bases do país. Essa construção discursiva visa persuadir e obter adesão, influenciar opiniões operando dentro da função argumentativa típica do discurso político.

RECORTE 4

“Um Brasil que dá a volta por cima”

O sujeito enunciador aqui gera efeitos de sentidos de otimismo e superação nacional. Verifica-se que é um discurso de muitas vozes (discurso popular, no jornalismo, no esporte), ou seja, polifônico. Esse enunciado carrega metáfora de movimento, memória de resiliência e silencia a crise que assola seu governo e o coloca como agente de mudanças. Interpela o Brasil a reconhecer o sujeito coletivo, o governo que supera dificuldades.

RECORTE 5

[...] “e deixa de ser o eterno país do futuro, para construir hoje o seu futuro”. Esse enunciado dialoga interdiscursivamente com o livro do dramaturgo, jornalista, Stefan Zweig (1881-1946), “País do futuro”, onde faz-se uma crítica sobre um futuro que nunca chega. É um enunciado célebre, devido ao fato de que circula em diferentes regimes políticos (ditadura, democracia) e tem um caráter de adiamento.

RECORTE 6

“Com mais desenvolvimento e mais inclusão social, mais tecnologia e mais humanismo.”

O recorte mobiliza valores que são universais (desenvolvimento, inclusão e tecnologia), interpelando ideologicamente o enunciatário com esses valores. A repetição do operador “mais” dá ao discurso a compreensão de que o futuro é sempre mais e nunca menos. Coloca em oposição o “menos” da gestão anterior com o mais da “gestão” atual. Mais uma vez, o enunciador investe na persuasão do enunciatário com promessas de que seu governo será aquele que trará o “mais” do futuro tão esperado pelo povo.

O enunciado sugere que tecnologia e humanismo andem juntos, o que é utópico, porque os conflitos emergem entre esses dois valores. A tecnologia exclui e gera desigualdade. O que se vê por parte do sujeito discursivo quando profere seu enunciado é que ele produz sentidos ideológicos ao associar progresso econômico, com inclusão social e avanço tecnológico.

RECORTE 7

“Um país menos desigual e mais justo.”. O recorte 7 reflete uma ideologia voltada para a justiça social e igualdade, reafirmando valores supostamente associados a esquerda trabalhista. As expressões quantitativas “mais” e “menos” e a ênfase na inclusão social evidenciam uma visão ideológica que supostamente prioriza o bem-estar coletivo. O enunciado dialoga interdiscursivamente com slogans como “Ordem e Progresso” ou “Brasil um País de Todos”, utilizados em gestões pttistas anteriores.

A democracia é apresentada como valor inegociável e o governo se coloca como guardião desses princípios. O sujeito constrói uma imagem de estabilidade e ética política, reafirmando um *ethos* democrático e inclusivo

RECORTE 8

“Que investe em saúde, educação e demais serviços públicos de qualidade.”

Esse recorte se inscreve no discurso político institucional que é presença fiel em programas de governo que tenta legitimar o sujeito como responsável pelo bem-estar do povo Brasileiro. O verbo “Investir” pressupõe ação planejada ligada ao progresso e responsabilidade. O recorte sugere que saúde educação e serviços públicos são bens universais e inquestionáveis.

Além disso, o recorte naturaliza tais investimento em saúde, educação e outros, porém, o sujeito oculta as disputas de (“quanto é?” e “para quem investir?”). Ele encobre também as dificuldades estruturais, cortes no orçamento e desigualdades regionais. Esse recorte dialoga historicamente com discursos de campanhas eleitorais que são usados exaustivamente, os temas saúde e educação são os eixos centrais dessas promessas. O interlocutor é interpelado a acreditar nesse projeto de garantia de direito e qualidade de vida.

RECORTE 9

“Que não tolera ameaças à democracia. Que não abre mão da sua soberania. Que não bate continência para nenhuma outra bandeira que não seja a bandeira verde-amarela.”

Nesse recorte o enunciador inscreve seu discurso em uma formação discursiva política nacionalista, com ênfase na defesa da soberania do país diante das influências externas. O sujeito se apossa do símbolo do Estado, a bandeira nacional verde-amarela. O enunciador se mostra coletivamente falando em nome de uma nação “Que não tolera ...” “Que não bate continência...”, “Que não abre mão ...”. Mostra-se também como guardião da democracia e da soberania. O que se vê é que o discurso tem rastros históricos no contexto de defesa da pátria, comuns em enunciados militares e políticos.

Esses interdiscursos ecoam no momento que o sujeito profere e mobiliza valores e circulam em diferentes épocas, aflorando na contemporaneidade em momentos de crise política.

O sujeito usa do recurso da repetição com “que não”, produzindo efeito de sentido de resistência. Ao trazer à baila a resistência à bandeira estrangeira, estabelece relação polêmica com a gestão anterior que supostamente teria maior aproximação com o governo americano, ao qual recorre no tempo presente para fazer frente à suposta perseguição político-jurídica que estaria sofrendo. O mais intrigante nesse sentido é a presença da ideologia política nacionalista nesse discurso dito de esquerda, pois, como se sabe, o nacionalismo sempre foi uma ideologia associada a partidos de direita. Constata-se se assim o que diz Foucault sobre as identidades das formações discursiva, isto é, que essas identidades são estabelecidas pela relação ou

alteridade e não fixas ou estabelecidas a priori. Como a direita supostamente estaria se associando a um país estrangeiro, nada mais oportunista para a esquerda, especialmente para o enunciador que faz seu discurso de um lugar social de presidente eleito pela esquerda que, em oposição, recorrer à ideologia nacionalista.

RECORTE 10

“Que fala de igual para igual e respeita todos os países, do mais pobre ao mais rico, mas que exige reciprocidade no tratamento.”

Nesse excerto o enunciador se coloca como representante de uma nação de auto cargo, um presidente que não aceita está na qualidade de subordinado, porém, não se impõe. O discurso se enquadra na formação discursiva político de soberania que respeita cada estado de igual para igual. Quando surge o termo “reciprocidade”, levanta-se uma fronteira para lembrar que não basta ter respeito unilateral, tem que haver contrapartida do outro.

O recorte 10 dialoga com discurso histórico de desigualdade que coloca países pobres como subordinados. O efeito de sentido que são construído nesse enunciado, trata da inclusão colocando que todos os países são dignos de respeito, e exigência, impondo que o respeito tem que ser mútuo.

RECORTE 10

“Defendemos o multilateralismo e o livre comércio, e responderemos a qualquer tentativa de impor um protecionismo que não cabe mais hoje no mundo.”

Esse excerto insere o discurso no contexto do debate global sobre comércio internacional, onde existem países que defendem abertura do comércio nacional e outros que se protegem. O sujeito se coloca como defensor de uma ordem de cooperação mundial e abertura do comércio, contrapondo-se ao fechamento econômico de outros países. O enunciado se inscreve na formação discursiva capitalista baseada no multilateralismo internacional em que instituições como a OMC defendem o livre comércio, sem barreira protecionistas e nem disparidade econômica.

RECORTE 11

“Diante da decisão dos Estados Unidos de impor uma sobretaxa aos produtos brasileiros, tomaremos todas as medidas cabíveis para defender as nossas empresas e os nossos trabalhadores brasileiros.”

No recorte 11 o enunciador se mostra como representante do povo brasileiro, ou seja, porta voz do Estado Brasileiro diante da decisão dos EUA de sobretaxar os produtos brasileiros. A posição do sujeito aqui não é individual, ela se apoia na coletividade, sua decisão é institucional. O termo “nós” é coletivo, representa o governo e a nação.

O que existe no enunciado é um sentimento de pertencimento, de identidade nacional quando é proferido os termos “nossas empresas” e “nossos trabalhadores” como uma forma de solidariedade. No âmbito do interdiscurso, o enunciado ecoa memórias de discursos anteriores de governos que se opõem às imposições de países poderosos. O enunciado gera efeitos de sentidos de resistência e reafirma que o Brasil não se submete passivamente, reage. Gera também efeito de sentido de legitimação política onde o sujeito se apresenta como defensor dos interesses do Brasil. Ao mesmo tempo, implicitamente, sugere mais uma vez que o governo anterior se sujeitou às arbitrariedades capitalistas americanas.

RECORTE 12

“Minhas amigas e meus amigos,”

Aqui o enunciado marca uma repetição do início do discurso para reforçar sua inscrição na formação discursiva política afetiva de aproximação, criando uma relação de quase intimidade com enunciatário. O sujeito discursivo aqui, interpela o interlocutor, simulando uma aproximação afetiva. Nesse caso o enunciador não fala do enunciatário, fala para ele. No âmbito do interdiscurso, esse enunciado dialoga com movimento de esquerda, anúncios publicitários que usa termos afetivos, vocativos para persuadir e legitimar. O sujeito discursivo se coloca como líder carismático. Esse discurso prepara o interlocutor para o que se segue. O efeito de sentido produzido é de empatia e confiança.

RECORTE 13

“Quando cheguei pela terceira vez à Presidência, a sensação que tive foi a de uma pessoa que volta para casa depois de muito tempo, e em vez da casa só encontra as ruínas.”

O recorte 13 se inscreve na formação discursiva de pertencimento e memória. O cargo de presidência o qual ocupa o sujeito discursivo é metaforizado como “casa”, lugar de vivência de identidade e memória. O sujeito enunciator propõe que o retorno ao cargo da presidente da república do Brasil não é somente institucional, mas simbólico e que esse espaço deveria ser preservado e se encontra destruído. O sujeito se apresenta como alguém que sofre diante da destruição, mas se autolegitima como alguém que é capaz de reconstruir.

Como em todo esse discurso, o enunciator procura construir a narrativa de que encontrou o país quebrado, falido, arrasado pela gestão anterior. Essa estratégia tem o objetivo de construir sua própria imagem como uma espécie de “salvador” do país. O substantivo “ruínas” produz esse efeito de sentido de destruição total, sem deixar nada de pé. E dialoga com o slogan de seu governo, “união e reconstrução”, em que procura imprimir no enunciatário a ideia de que o país precisa ser reconstruído, posto que destruído pela gestão anterior, e unido, já que se encontra dividido pela polarização política revelada nas eleições de 2022 entre a esquerda e a direita no Brasil.

RECORTE 14

“Foi a mesma sensação de um trabalhador rural que volta ao campo para plantar, e só encontra a terra arrasada.”

Essa narrativa de um país arrasado pela gestão anterior é mais uma vez reiterada aqui com o uso da figura retórica da analogia: “um trabalhador rural que volta ao campo para plantar, e só encontra a terra arrasada.” Lula, como um locutor e como sujeito empírico que emerge das classes populares sabe como usar uma retórica eivada de figuras, referências e linguagem populares para falar diretamente ao povo e gerar identidade e empatia. Lembremo-nos que a linguagem enquanto discurso não é uma mera descrição da realidade, pelo contrário, é uma forma de construir o mundo que não se encontra previamente discretizado. Desse modo, a verdade no discurso é

na verdade, uma vontade de verdade, uma narrativa que reflete a visão de mundo do sujeito e é criada para convencer e persuadir o enunciário.

Ao enunciar que encontrou o país como uma “terra arrasada”, o enunciador não deixa de se mostrar como vítima que encontrará muitas dificuldades de reconstruir o país. Desse modo já antecipa possíveis fracassos de seu governo, o que certamente será também creditado ao governo anterior, visto que este teria deixado o país como uma “terra arrasada”. Outros efeitos de sentido que o sujeito produz é de dramatização e esperança frustrada que ao mesmo tempo abre espaço para um efeito de redenção. Se a terra se encontra arrasada, é preciso reconstruí-la.

RECORTE 15

“Em apenas dois anos de muito trabalho, nós arrumamos a casa. Refizemos os alicerces, erguemos de novo as paredes.”

Esse recorte é central para a narrativa de que o governo está envolvido com um projeto de reconstrução. A metáfora da casa reforça o sentimento de pertencimento e cuidado. O discurso de Lula é atravessado por interdiscursos que retomam memórias de crise e desordem para contrastar com o presente de reconstrução. Ideologicamente, o sujeito enunciador se ancora em uma formação discursiva trabalhista e progressista, valorizando o esforço coletivo. Em termos foucaultianos, o “Brasil em ruínas” é um objeto discursivo — uma construção simbólica de sentido que busca ressignificar o passado e legitimar o presente.

A narrativa de que em um curto espaço de tempo, “apenas dois anos de muito trabalho”, foi possível reconstruir o país, “arrumamos a casa, refizemos os alicerces, erguemos de novo as paredes”, mais uma é uma estratégia retórico-discursiva que procura construir a imagem de um governo trabalhador (muito trabalho), honesto e dedicado à reconstrução do país e construir a narrativa de que o governo anterior não era trabalhador e honesto e que somente destruiu o país.

No excerto abaixo, mais uma vez recorre a metáforas associadas aos discursos rurais para construir a ideia de que sua gestão é eficiente está reconstruindo o país: “Aamos a terra semeamos, regamos com carinho e estamos colhendo os resultados”.

Em síntese, nesse discurso o enunciador (re)trata um país encontrado arrasado, destruído, em ruínas e que, portanto, precisa de reconstrução, e

implicitamente constrói uma imagem de como uma espécie de redentor, reconstrutor, que tem a difícil missão de “unir e reconstruir” o país.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já dito anteriormente, esse trabalho teve como objetivo geral de, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da análise de discurso francesa, analisar o pronunciamento do presidente Luíz Inácio Lula da Silva proferido no evento “O Brasil dando a volta por cima” em 3 de abril de 2025, buscando compreender como o enunciador constrói a imagem do Brasil de antes e durante sua gestão.

As análises empreendidas apontam a construção do (re)trato do país da seguinte forma:

a) No início de sua gestão:

O país é retratado metaforicamente como uma “casa em ruínas”, “terra arrasada”, criando a narrativa de que o governo anterior destruiu o país. É retratado como um país submisso a potências anteriores, que expoliam com suas sobretaxações as riquezas da nação. Razão pela qual o enunciador recorre ao discurso ideologicamente nacionalista. Esse retrato discursivo é uma forma de desqualificar a gestão anterior e exaltar sua gestão.

b) A partir de sua gestão

O país é retratado como uma casa em construção, como um campo sendo arado novamente. Ao dizer que, “Em apenas dois anos de muito trabalho, nós arrumamos a casa. Refizemos os alicerces, erguemos de novo as paredes. Aramos a terra, semeamos, regamos com carinho e estamos colhendo os resultados. O Brasil está de novo entre as dez maiores economias do mundo”, e elencar seus feitos no início de sua gestão, o país é retratado de maneira positiva, apesar dos desafios.

Ao mesmo tempo em que desconstrói a gestão anterior como uma gestão incompetente que arrasou o país, constrói a imagem da sua de bom gestor, bom governo, uma espécie de redentor e salvador nacional.

Como nos lembra Charaudeau. (2024, p.79), “O político deve, portanto, construir para si uma dupla identidade discursiva; uma que corresponda ao conceito político, enquanto lugar de constituição de um pensamento sobre a vida dos homens em sociedade; outra que corresponda à prática política, lugar das estratégias da gestão do poder”. Assim, o enunciador desse discurso procura construir implicitamente para si a imagem de gestão competente.

A despeito das limitações típicas de um trabalho de conclusão de curso, esperamos que esta pesquisa motive outros pesquisadores a usarem a análise do discurso como teoria para analisar discursos políticos no âmbito da Universidade Estadual do Piauí-UESPI.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos de Estado. Rio de Janeiro: Graal, v. 2, 1985.
- BRANDÃO, H. N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora UNICAMP, 2004.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. Editora Contexto, 2024.
- DE LUNETTA, A. et al. Pesquisa qualitativa e seus fundamentos na investigação científica. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 15, n. 7, p. e4019-e4019, 2024.
- DE LUNETTA, A; GUERRA, R. Metodologia da pesquisa científica e acadêmica. **Revista OWL (OWL Journal) -Revista Interdisciplinar de Ensino e Educação**, v. 1, n. 2, p. 149-159, 2023.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. UnB, 2001.
- FERNANDES, C. A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Trilhas Urbanas, 2005.
- FERNANDES, C. A. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005. 117 p.
- MACHADO, D. D. S; SOUSA, R. I. D. **Análise do Discurso**. Teresina (PI), NEAD-UESPI, 2014
- MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. In: **Gênese dos discursos**. 2008. p. 182-182.
- MAINGUENEAU, D. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 3. ed. Campinas-SP: Pontes, 2007.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005. 117 p.
- FOUCAULT, M. A arqueologia do saber 7. ed. **Rio de Janeiro: Forense Universitária**, 2008.
- GADET, F; HAK, T; MARIANI, B. S. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Editora da UNICAMP, 1997.
- GREGOLIN, Maria do Rosario Valencise. **A análise do discurso: conceitos e aplicações**. 1995.
- MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015;
- MILANEZ, N.; SANTOS, J.D. J. **Análise do discurso: sujeito, lugares e olhares**. **São Carlos: Claraluz**, 2009.

PODERDATA. **Pesquisa de opinião pública**: Brasil, 15 a 17 de março de 2025. Brasília: PoderData Pesquisas, Jornalismo e Comunicação LTDA, 2025. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/poderdata>. Acesso em: 19 set. 2025.

SILVA, I. M. O governo Bolsonaro, a crise política e as narrativas sobre a pandemia. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica**, v. 5, n. 16, p. 1478-1488, 2020.

BONATTO, M. J. A et al. Bolsa família em disputa política: a reestruturação do programa no governo Bolsonaro ao governo Lula. 2024.

ANEXOS

Pronunciamento do presidente Lula no evento O Brasil dando a volta por cima²

Pronunciamento do presidente Luiz Inácio Lula da Silva durante o evento O Brasil dando a volta por cima, em Brasília, no dia 3 de abril de 2025.

Eu quero, neste momento histórico do nosso país, cumprimentar a minha companheira Janja [Lula da Silva, primeira-dama do Brasil] e, cumprimentando-a, eu quero cumprimentar todas as mulheres aqui presentes. Também eu preciso cumprimentar uma pessoa que hoje é aniversariante, a nossa ministra dos Direitos Humanos, a companheira Macaé [Evaristo]. Quero cumprimentar o meu companheiro de governo, vice-presidente da República e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, companheiro Geraldo Alckmin. Quero cumprimentar os companheiros ministros Fernando Haddad (Fazenda) e Rui Costa (Casa Civil) e, cumprimentando eles, eu estarei cumprimentando todos os ministros e ministras aqui presentes. Quero cumprimentar os meus líderes no Congresso, no Senado e na Câmara, o companheiros Jaques Wagner, no Senado, o Randolfe [Rodrigues] no Congresso Nacional e o [José Nobre] Guimarães na Câmara dos Deputados. Quero cumprimentar os dois governadores presentes aqui, o Carlos Brandão e o João Azevedo. Carlos Brandão, do Maranhão, e João Azevêdo, da Paraíba. Quero cumprimentar a Mailza Assis, vice-governadora do estado do Acre. Quero cumprimentar os comandantes das Forças Armadas aqui presentes e quero cumprimentar o povo brasileiro que aceitou o nosso chamamento para participar desse evento.

Minhas amigas e meus amigos,

² Extraído do site oficial do governo: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos-e-pronunciamentos/2025/04/pronunciamento-do-presidente-lula-no-evento-o-brasil-dando-a-volta-por-cima>

Ao longo deste evento, apresentamos um breve balanço daquilo que fomos capazes de realizar em apenas dois anos.

A começar pela reconstrução de um país deixado em ruínas pelo governo anterior.

O Brasil é um país que volta a sonhar e ter esperança.

Um Brasil que dá a volta por cima e deixa de ser o eterno país do futuro, para construir hoje o seu futuro.

Com mais desenvolvimento e mais inclusão social, mais tecnologia e mais humanismo.

Um país menos desigual e mais justo.

Que investe em saúde, educação e demais serviços públicos de qualidade. Que não tolera ameaças à democracia.

Que não abre mão da sua soberania.

Que não bate continência para nenhuma outra bandeira que não seja a bandeira verde-amarela.

Que fala de igual para igual e respeita todos os países, do mais pobre ao mais rico, mas que exige reciprocidade no tratamento.

Defendemos o multilateralismo e o livre comércio, e responderemos a qualquer tentativa de impor um protecionismo que não cabe mais hoje no mundo.

Diante da decisão dos Estados Unidos de impor uma sobretaxa aos produtos brasileiros, tomaremos todas as medidas cabíveis para defender as nossas empresas e os nossos trabalhadores brasileiros.

Tendo como referência a Lei da Reciprocidade Econômica aprovada ontem pelo Congresso Nacional e as diretrizes da Organização Mundial do Comércio.

Minhas amigas e meus amigos,

Quando cheguei pela terceira vez à Presidência, a sensação que tive foi a de uma pessoa que volta para casa depois de muito tempo, e em vez da casa só encontra as ruínas.

Foi a mesma sensação de um trabalhador rural que volta ao campo para plantar, e só encontra a terra arrasada.

O Brasil era uma casa em ruínas. Uma terra arrasada.

Em apenas dois anos de muito trabalho, nós arrumamos a casa. Refizemos os alicerces, erguemos de novo as paredes.

Aramos a terra, semeamos, regamos com carinho e estamos colhendo os resultados.

O Brasil está de novo entre as dez maiores economias do mundo.

Mais de 24 milhões de pessoas ficaram livres da fome. É o equivalente a um estádio de futebol lotado saindo do mapa da fome [por dia]. Um estádio com jogo do Corinthians, é bom dizer.

O desemprego é o menor dos últimos 12 anos. A pobreza e a extrema pobreza caíram aos menores níveis da história.

Isentamos do imposto de renda quem ganha até dois salários-mínimos. Enviamos ao Congresso Nacional projeto de lei isentando do imposto de renda quem ganha até R\$ 5 mil.

O Novo PAC é o maior programa de infraestrutura que o país já viu, com mais de 20 mil obras em andamento – de rodovias, portos, aeroportos e ferrovias, e maternidades, escolas, creches e centros esportivos.

Com a Nova Indústria Brasil, a produção industrial voltou a crescer depois de anos de estagnação, gerando milhares de empregos.

O investimento em inovação na indústria é o maior dos últimos 30 anos. Aprovamos também, com apoio do Congresso, a Reforma Tributária. Uma reforma mais justa, aguardada há mais de 40 anos.

Isso é investir no futuro.

De vez em quando vocês batam palma para eu poder tomar água. Senão, eu fico sem jeito de tomar água aqui.

Bem, novos anúncios estão chegando. O Minha Casa, Minha Vida passará a beneficiar também a classe média.

Com a atualização do programa Celular Seguro, o governo vai aumentar a proteção dos cidadãos contra os roubos de aparelhos, e fortalecer o enfrentamento ao crime organizado.

Vem aí a TV 3.0, sistema que vai fazer o casamento definitivo da TV aberta com a internet.

Com isso, a população brasileira terá acesso à televisão de última geração, com imagens e som de altíssima definição.

Isso significa mais informação e mais qualidade para a população brasileira. Mas ainda há muito a ser feito. Precisamos da união de todos para derrotar o ódio, a desinformação e a mentira.

Sabemos dos enormes desafios que temos pela frente. Mas sabemos também da extraordinária força de vontade e da capacidade de trabalho do povo brasileiro.

Minhas queridas amigas e meus queridos amigos,

O Brasil está no rumo certo. Gerando renda e oportunidade para quem quer melhorar de vida. Cuidando de todas as pessoas, sobretudo das pessoas que mais precisam. Este é o Brasil que estamos construindo. O Brasil dos brasileiros. O Brasil do futuro. Muito obrigado.

Eu quero terminar agradecendo aos ministros e ministras que foram responsáveis pelo que nós alcançamos até agora.

Quero agradecer aos deputados e senadores que tanto no Senado como na Câmara são responsáveis por apoiar possivelmente a maior quantidade de projetos já aprovados por um governo em apenas dois anos.

O Brasil já teve presidentes com ampla maioria no Congresso Nacional que não conseguiram aprovar a quantidade de coisas que nós conseguimos aprovar.

Por isso, meu muito obrigado a deputados, muito obrigado a senadores e muito obrigado à sociedade brasileira por acreditar que este Brasil será

definitivamente uma nação rica, uma nação próspera, e uma nação em que homens, mulheres e crianças conquistarão definitivamente o direito de andar de cabeça erguida para que a gente possa voltar a sorrir nesse país.

Muito obrigado, companheiros e companheiras.